# Criticismo Filosófico [i] - 15/09/2019

\*\*A Ideia Absoluta de Hegel.\*\* Russell diz que é prática comum na filosofia o  
uso de um raciocínio metafísico a priori para tratar de dogmas da religião,  
universo, matéria, etc., que, porém, não sobreviveria a um escrutínio crítico.  
Para ele, o representante desse pensamento é Hegel, que estabelece que o todo  
é composto por partes fragmentárias incapazes de existirem sem o resto do  
mundo. Nesse sentido, o filósofo, a partir de qualquer amostra de realidade  
pode ver o todo, como se cada pedaço fosse enganchado com o próximo e assim  
por diante. Russell diz que, de acordo com Hegel, essa incompletude aparece  
tanto no mundo das coisas quanto no dos pensamentos, composto por ideias  
enganchadas que, através da contradição, uma ideia se transforma em antítese  
para daí virar síntese que, ainda incompleta, inicia um novo ciclo e,  
sucessivamente, avança até a "Ideia Absoluta".[ii] Essa ideia absoluta  
descreve a realidade absoluta que seria o que Deus vê: uma unidade espiritual  
imutável, perfeita e eterna.   
  
\*\*Os problemas com a Ideia Absoluta.\*\* Russell argumenta que, apesar de  
parecerem sublimes, ao serem investigados os argumentos são confusos. Hegel  
diz que o que é incompleto não subsiste por si só e depende de relações com  
outras coisas que fazem parte de sua natureza. Por natureza de uma coisa,  
Russell entende que seja \_“all the truths about the thing”\_. Se parece claro  
que a verdade que liga uma coisa à outra não subsiste se a outra coisa não  
subsiste, essa verdade não é parte da coisa, mas, segundo Hegel, é parte da  
natureza da coisa. Russell, então, enfatiza a confusão da natureza entre  
conhecimento de coisas e conhecimento de verdades. Se assumirmos que a  
natureza da coisa consiste nas verdades da coisa, deveríamos conhecer todas as  
relações da coisa com todo o universo, porém isso não é possível e ainda assim  
conhecemos a coisa, mesmo quando sua natureza não é completa. Conhecemos uma  
coisa por familiaridade até mesmo sem conhecer nenhuma proposição da coisa. Ou  
seja, conhecer uma coisa não requer conhecimento da natureza da coisa,  
conforme acima, embora esse conhecimento esteja envolvido no conhecimento de  
qualquer proposição da coisa[iii]. Russell diz que o fato de uma coisa ter  
relações não quer dizer que elas sejam logicamente necessárias já que não  
podemos deduzir suas relações, somente o faríamos depois de conhecê-las. Ou  
seja, não podemos provar que o universo forma um todo como queria Hegel, e o  
que se seguiria disso: a irrealidade do espaço, tempo, matéria, etc. O  
resultado é a inviabilidade de uma análise sistêmica e a filosofia segue a  
análise indutiva e científica.  
  
\*\*Argumentação Metafísica.\*\* Segundo Russell, o trabalho metafísico se  
assentou em provar que as características do mundo eram autocontraditórias e  
por isso não reais. Porém, os modernos vão no sentido de mostrar que essas  
contradições eram ilusórias e que muito pouco pode ser provado a priori de  
considerações do que deve ser. Por exemplo, espaço e tempo parecem ser  
infinitos em extensão, por mais que tentemos não achamos um fim. Por menor que  
seja um espaço ou tempo sempre podemos dividi-los novamente e assim  
sucessivamente até o infinito. Porém, contra esses fatos aparentes, filósofos  
argumentaram que não haveriam coleções infinitas de coisas. Daí surge uma  
contradição entre a aparente natureza do espaço e do tempo e a suposta  
impossibilidade de coleções infinitas. Quando Kant enfatizou essa contradição  
deduzida da impossibilidade do tempo e do espaço declarados por ele  
subjetivos, os filósofos trataram tempo espaço como sendo aparentes e não  
fazendo parte do mundo real, como ele é.  
  
\*\*Contribuição da Lógica.\*\* Porém o trabalho de matemáticos, principalmente  
Cantor, mostrou que a impossibilidade de coleções infinitas era um erro,  
invalidando uma das grandes construções metafísicas. Conforme Russell: "They  
are not in fact self-contradictory, but only contradictory of certain rather  
obstinate mental prejudices". Os matemáticos não só mostraram que o espaço  
como se supõe ser é possível, como também que outras formas de espaço são  
possíveis como a lógica pode mostrar. Por exemplo, alguns axiomas de Euclides  
que influenciaram filósofos retiraram sua aparente necessidade de nossa  
familiaridade com o espaço atual conhecido e não com alguma fundação lógica a  
priori. Imaginando mundos em que esses axiomas fossem falsos, os matemáticos  
criaram espaços diferentes do nosso e mesmo colocando em dúvida se nosso  
espaço é estritamente euclidiano. Até então a experiência descrevia uma  
possibilidade de espaço que a lógica mostrou impossível, agora a lógica mostra  
muitos espaços possíveis que a experiência apenas parcialmente decide entre  
eles. Russell abre o mundo para enormes possibilidades onde pouco é conhecido:  
"Thus, while our knowledge of what is has become less than it was formerly  
supposed to be, our knowledge of what may be is enormously increased". A  
lógica, então, torna-se a grande libertadora da imaginação apresentando  
inúmeras alternativas para a experiência decidir, quando possível, entre os  
mundos oferecidos.  
  
\*\*Criticismo Filosófico.\*\* O conhecimento, não fica limitado à experiência  
atual, mas ao que podemos aprender da experiência, conforme o conhecimento por  
descrição, que não se prende a uma experiência direta. Nesse tipo de  
conhecimento, porém, precisamos de uma "conexão de universais" que nos permite  
inferir um objeto de um dado. É a conexão de universais que nos permite  
extrair dados-dos-sentidos de objetos físicos, ou seja, dá munição para a  
experiência, assim como da lei da causalidade para lei da gravitação. A lei de  
gravitação, segundo Russell, é uma combinação da experiência com um princípio  
a priori como o princípio de indução.[iv] O conhecimento filosófico é um tipo  
de conhecimento científico, a diferença é o criticismo que procura  
inconsistências nos conhecimentos científicos e da vida diária. Embora a  
investigação de Russell tenha refutado, criticamente, um sistema metafísico  
como não estando a altura da ciência, ao contrário, a crítica filosófica  
corrobora em muito o conhecimento empreendido pela humanidade. Porém, Russell  
impõe um certo limite na crítica já que um ceticismo absoluto (blank doubt)  
impede qualquer tipo de conhecimento tornando-se destrutivo. A essência da  
crítica, para Russell, é a dúvida metodológica cartesiana, analisando cada  
aspecto do conhecimento, como feito nessa investigação com os dados-dos-  
sentidos que pareciam indubitáveis e levaram a rejeitar uma semelhança direta  
com o objeto físico. A filosofia não rejeitaria um conhecimento impassível de  
objeção. O criticismo filosófico analisa cada parte aparente de conhecimento  
em seu mérito e retém o que se mostra ser de fato um conhecimento, admitido o  
erro proveniente da falibilidade humana. Ocorre que a filosofia reduz a chance  
desse erro tornando-o às vezes irrisório, mais do que isso não é prudente  
esperar.  
  
   
  
   
  
\* \* \*  
  
   
  
[i] Bertrand Russell, Problems of Philosophy. THE LIMITS OF PHILOSOPHICAL  
KNOWLEDGE. Acessado em 18/7/2019:  
[http://www.ditext.com/russell/rus14.html](http://www.ditext.com/russell/rus14.html).  
Ver o seguinte fichamento e os anteriores:  
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2019/08/conhecimento-erro-e-opiniao-  
provavel.html>.  
  
[ii] Ideia absoluta que “has no incompleteness, no opposite, and no need of  
further development”.  
  
[iii] Hence, (1) acquaintance with a thing does not logically involve a  
knowledge of its relations, and (2) a knowledge of some of its relations does  
not involve a knowledge of all of its relations nor a knowledge of its  
'nature' in the above sense.  
  
[iv] Thus our intuitive knowledge, which is the source of all our other  
knowledge of truths, is of two sorts: pure empirical knowledge, which tells us  
of the existence and some of the properties of particular things with which we  
are acquainted, and pure a priori knowledge, which gives us connexions between  
universals, and enables us to draw inferences from the particular facts given  
in empirical knowledge. Our derivative knowledge always depends upon some pure  
a priori knowledge and usually also depends upon some pure empirical  
knowledge.